



## FILOSOFIA E ABERTURA PARA O OUTRO: PENSAMENTO HELÊNICO, SEMITA E A RESPOSTA CRISTÃ<sup>1</sup>

---

### *PHILOSOPHY AND OPENING TO THE OTHER: HELENIC THINKING, SEMITIS AND THE CHRISTIAN RESPONSE*

Álvaro C. Pestana\*

#### Resumo:

A partir de uma leitura de Enrique Dussel, se apresentará uma genealogia da hierarquização e do autoritarismo nas comunidades cristãs por meio do abandono gradativo do pensamento judaico-cristão, substituído pelo pensamento grego herdeiro da filosofia de Parmênides. A filosofia do Ocidente, desde seu início, enveredou pelo caminho da busca do “um” que deixou a cultura ocidental propensa ao absolutismo, à exclusão do outro e ao que chamamos de hierarquização. O objetivo deste artigo é, por meio de levantamento bibliográfico, propor uma postura filosófica inclusiva e dialogal, aberta para o outro, a partir do pensamento semita. O humanismo helênico constituído por uma visão dualista em antropologia e monista a nível metafísico cria uma menor disposição para o diálogo igualitário, além de uma profunda hierarquização na sociedade, quando comparado ao pensamento semita, cuja antropologia é unitária, mas bipolar a nível metafísico, na crença na relação Criador-criatura. Por conta das relações intersubjetivas incentivadas pelo pensamento semita, superam-se as aporias ao diálogo e à aceitação do outro, decorrentes da filosofia helênica absolutizante e se tornam efetivas as propostas dialogais e igualitárias como solução para o diálogo. A conclusão indicará caminhos de superação das dificuldades de acolhimento do diferente por meio da abertura para o outro e da responsabilização pessoal.

**Palavras-chave:** Filosofia grega; Pensamento semita; Hierarquização; Diálogo.

#### Abstract:

From a reading by Enrique Dussel, a genealogy of hierarchization and authoritarianism in Christian communities will be presented through the gradual abandonment of Judeo-Christian thought, replaced by Greek thought, heir to the philosophy of Parmenides. Western philosophy, since its beginning, has taken the path of seeking the “one” that has left Western culture prone to absolutism, to the exclusion of the other and to what we call hierarchization. The aim of this article is, through a bibliographic survey, to propose an inclusive and dialogical philosophical posture, open to the other, based on Semitic thought. Hellenic humanism constituted by a dualistic vision in anthropology and monistic at the metaphysical level creates less disposition for egalitarian dialogue, in addition to deep hierarchization in society, when compared to Semitic thought, whose anthropology is unitary, but bipolar at the metaphysical level, in belief in the Creator-creature relationship. Due to the intersubjective relations encouraged by Semitic thinking, the aporias to

---

<sup>1</sup> Enviado em: 25.09.2020. Aceito em: 16.12.2020.

\* E-mail: alvarocpestana@gmail.com

dialogue and the acceptance of the other resulting from absolutizing Hellenic philosophy are overcome, and the dialogical and egalitarian proposals become effective as a solution for the dialogue. The conclusion will indicate ways to overcome the difficulties of welcoming the different through openness to the other and personal responsibility.

**Keywords:** Greek philosophy; Semitic thinking; Hierarchization; Dialogue.

\*\*\*

## Introdução

A partir de uma leitura de Enrique Dussel, se apresentará uma genealogia da hierarquização e do autoritarismo nas comunidades cristãs por meio do abandono gradativo do pensamento judaico-cristão, substituído pelo pensamento grego herdeiro da filosofia de Parmênides. A filosofia do Ocidente, desde seu início, enveredou pelo caminho da busca do “um” que deixou a cultura ocidental propensa ao absolutismo, à exclusão do outro e ao que chamamos de hierarquização. Partindo dos pré-socráticos, sobretudo de Parmênides<sup>2</sup>, e depois pulando quase dois mil anos para Descartes<sup>3</sup>, caracterizaremos este aspecto fundamental do percurso da filosofia ocidental, ou seja, a busca do “um”, mesmo que também levando em conta o dualismo antropológico grego. O humanismo helênico constituído por uma visão dualista em antropologia e monista a nível metafísico cria uma menor disposição para o diálogo igualitário, além de uma profunda hierarquização na sociedade, quando comparado ao pensamento semita, cuja antropologia é unitária, mas bipolar a nível metafísico, na crença na relação Criador-criatura.

Depois disto e inaugurando outra leitura a partir da antropologia unitária semita, também levando em conta sua metafísica do diálogo, vislumbramos a possibilidade de uma abertura para o outro na responsabilização do indivíduo e na ação norteada pelo amor. Por conta das relações intersubjetivas incentivadas pelo pensamento semita, superam-se as aporias ao diálogo e à aceitação do outro, decorrentes da filosofia helênica absolutizante e se tornam efetivas as propostas dialogais e igualitárias como solução. A conclusão indicará caminhos de superação das dificuldades de acolhimento do diferente por meio da abertura para o outro e da responsabilização pessoal.

## A busca do “um”

“A água é o princípio da natureza”<sup>4</sup>, é a declaração que marca o início da filosofia ocidental. “Tales declarou que, dos quatro elementos, a água era, por assim dizer, o mais ativo, enquanto causa”<sup>5</sup>. A filosofia ocidental nasce da busca da unidade, do elemento único do qual decorrem todos os outros, da busca do elemento unificador da natureza, a *physis*<sup>6</sup>. Nietzsche<sup>7</sup> (2008, p. 31) enumerou três razões para levar a sério a declaração de Tales: (i) por ser um enunciado que trata

<sup>2</sup> Parmênides: ἀκμή cerca de 500 a.C.

<sup>3</sup> René Descartes: 1596-1650.

<sup>4</sup> τὸ δ' ὕδωρ ἀρχὴν τῆς φύσεως; ARISTÓTELES, **Metafísica** 983b. Disponível em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0052:book=1:section=983b&highlight=thales>>. Acessado em 4/jun/2019.

<sup>5</sup> διὸ δὴ τῆς τετραδος τῶν στοιχείων ὡσπερ αἰτιώτατον ὁ Θαλῆς ἀπεφήνατο στοιχεῖον εἶναι τὸ ὕδωρ - Heráclito Homérico, **Quaest. Hom.** 22, apud KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M., **Os Filósofos Pré-Socráticos: História Crítica com Seleção de Textos.** 4ª Edição. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkain, 1994, p. 89.

<sup>6</sup> φύσις.

<sup>7</sup> NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos.** São Paulo: Editora Escala, 2008, p. 31.

da origem das coisas; (ii) por fazer a afirmação sem fabulação ou uso de imagens; e, principalmente, (iii) por ter “embora em estado de crisálida, o pensamento que tudo é um”.

Depois disto, cada um dos antigos filósofos, denominados pré-socráticos, fez sua escolha e seu argumento a favor de um ou outro elemento unificador de tudo. Se Tales<sup>8</sup> escolheu a água, *hydor*<sup>9</sup>, Anaximandro<sup>10</sup> escolheu o *apeiron*<sup>11</sup>, Anaxímenes<sup>12</sup> e Diógenes de Apolônia<sup>13</sup> disseram que era o ar<sup>14</sup>. Anaxágoras<sup>15</sup> votou pela mente<sup>16</sup> e Heráclito<sup>17</sup> apostou no fogo<sup>18</sup>. Os pitagóricos<sup>19</sup> elegeram os números<sup>20</sup>, Alcmeão de Crotona<sup>21</sup> dizia que tudo vinha dos contrários – 10 pares de contrários. Para Empédocles<sup>22</sup> tudo se origina nos quatro elementos, que ele apresenta como quatro raízes<sup>23</sup> sob nomes mitológicos, e numa força que os une e que os separa: amor/ódio<sup>24</sup>.

Sumarizando este momento do nascimento do espírito da filosofia, a busca daquilo que é a realidade original ou a busca do que unifica todas as coisas estabelece um padrão imperial, absolutista e exclusivista do fundamento da realidade: o que importa é uma coisa só e as outras ficam excluídas ou são, apenas, coadjuvantes na importância do ser ou do pensar.

Parmênides, neste mesmo ambiente, coloca o “ser” como fundamento de tudo: “o que é não pode ser, também, como o que não é, [...] o que não é, também é necessário que não seja”<sup>25</sup>. Para este filósofo, “pois, é a mesma coisa que pode ser pensada e que pode ser”<sup>26</sup>. Somente o ser é; o não-ser, o que não é, não existe – é o nada. O ser é incriado, imperecível, imóvel, indivisível – um *plenum*.<sup>27</sup>

Desta forma, Parmênides se torna, do dizer de John Burnet “o pai do materialismo” no sentido que depois dele “todo materialismo depende de sua concepção de realidade”<sup>28</sup>. Seus “argumentos [...] e suas paradoxais conclusões tiveram uma enorme influência na filosofia grega posterior; tanto o seu método como o seu impacto têm sido comparados, com razão, aos do *cogito*

<sup>8</sup> BORNHEIM, Gerd A. (org.). **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1999, p. 22-23.

<sup>9</sup> ὕδωρ.

<sup>10</sup> BORNHEIM, 1999, p. 25. Segundo NIETZSCHE, 2008, p. 41, Anaximandro ultrapassou Tales por perceber que a solução estava além do elemento água. Optou pelo “indeterminado”.

<sup>11</sup> ἀπείρων

<sup>12</sup> BORNHEIM, 1999, p. 28.

<sup>13</sup> BORNHEIM, 1999, p. 102.

<sup>14</sup> ἀήρ.

<sup>15</sup> BORNHEIM, 1999, p. 35.

<sup>16</sup> νοῦς.

<sup>17</sup> BORNHEIM, 1999, p. 41.

<sup>18</sup> πῦρ.

<sup>19</sup> BORNHEIM, 1999, p. 50.

<sup>20</sup> οἱ ἀριθμοί.

<sup>21</sup> BORNHEIM, 1999, p. 51-52.

<sup>22</sup> BORNHEIM, 1999, p. 82.

<sup>23</sup> KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 298-300: “escuta, em primeiro lugar, as quatro raízes de todas as coisas...”; τέσσαρα γὰρ πάντων ῥιζώματα πρώτων ἄκουε.

<sup>24</sup> BORNHEIM, 1999, p. 69.

<sup>25</sup> ἡ μὲν ὅπως ἔστιν τε καὶ ὡς οὐκ ἔστι μὴ εἶναι [...] ἡ δ' ὡς οὐκ ἔστιν τε καὶ ὡς χρεῶν ἔστι μὴ εἶναι - BURNET, John. **O despertar da filosofia grega**. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 145: “o *É*, ao qual é impossível não ser [...] o *Não é*, e que forçosamente tem de não ser”. KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 255.

<sup>26</sup> BURNET, 1994, p. 147: “A coisa que pode ser pensada e pela qual o pensamento existe é a mesma”. BURNET, 1994, p. 145, n. 2 - τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἔστιν τε καὶ εἶναι.

<sup>27</sup> BURNET, 1994, p. 150-151.

<sup>28</sup> BURNET, 1994, p. 151: “o que *é* é um *plenum* finito, esférico, sem movimento corporal e não há nada além disso.”

de Descartes<sup>29</sup>. O caminho, *hodos*,<sup>30</sup> de Parmênides, receberá plenitude no método, *methodos*<sup>31</sup> de Descartes: *cogito ergo sum*, “eu penso, logo existo”.<sup>32</sup>

As “ontologias” parmenidiana e cartesiana, apesar de todas as diferenças, ressaltam a necessidade de seguir a via única de seu método: o ser, de um lado, e o *cogito*, do outro. Ambos negam a existência e o direito ao “outro”: o não-ser não é; o outro só pode ser apreendido a partir do *ego*.<sup>33</sup> Tais filosofias comungam, de uma forma ou outra, de um absolutismo, de um imperialismo conquistador dos bárbaros<sup>34</sup> e de uma insistência em pensamentos que se fixam em “vias únicas”. “Esta Ontologia passa a ser dominadora, conquistadora e imperial”.<sup>35</sup>

Este trajeto da cultura que afirma que o horizonte absoluto e real é um Uno pode ser acompanhado em todo intercâmbio e influência deste pensamento indo-europeu em todas as grandes civilizações da Anatólia, do Nilo, da Mesopotâmia, do Indo e até o rio Amarelo.<sup>36</sup>

A lógica ocidental, desde este momento, quase nunca se desvia do Princípio da Identidade e do Princípio da Não-Contradição. Deles decorre o Princípio do Terceiro Excluído, que também reforça a impossibilidade de conciliação dos diferentes: não há diálogo, mas as opções são, apenas, “é” ou “não-é”.<sup>37</sup> Destas lógicas, se nutrem os fundamentalismos e os autoritarismos.

Conforme ressaltam estudiosos de Dussel, “o *cogito* é tudo”<sup>38</sup>. E apesar deste filosofar basear-se em abstrações, se torna muito concreto quando se manifesta nas frases “eu conquisto”, “eu venço” etc. numa “ontologia que justificará os impérios do centro como, por exemplo, a Inglaterra, França e hoje os Estados Unidos da América”.<sup>39</sup> A filosofia, nesta trajetória, torna-se imperialista, dominadora, excludente favorecendo um “único” contra todo e qualquer “outro”.

Em Enrique Dussel, a ontologia e a ética caminham conectadas, pois a seu ver, a “univocidad del ser lleva, en ética, a una aporía insoluble”<sup>40</sup>. Em seus escritos, passagem da ontologia para a ética é feita a todo momento quando analisa a postura totalizante do *ego cogito* refletido, por exemplo, na postura do conquistador hispânico que se justifica eticamente por meio desta ontologia totalizante. Como justificar a morte do conquistado?<sup>41</sup> A ontologia da univocidade

<sup>29</sup> KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1994, p. 251.

<sup>30</sup> ὁδός.

<sup>31</sup> μέθοδος.

<sup>32</sup> DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. 3ª edição. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1984, p. 55.

<sup>33</sup> MIRANDA REGINA, Jesus Eurico. **Filosofia Latino-Americana e Filosofia da Libertação**: A proposta de Enrique Dussel em relação às posições de Augusto Salazar Bondy e de Leopoldo Zea. Campo Grande: CEFIL, 1992, p. 54-55.

<sup>34</sup> MIRANDA REGINA, 1992, p. 50: “É intrinsecamente dominadora esta Ontologia, pois é colocada dentre os povos, o grego como o “ser”, e o estrangeiro, o que está além do horizonte da pólis como não-ser; e dentro da pólis nega como não-ser, o escravo, a mulher e a criança.” Aí está como a Ontologia condiciona e justifica a política e o imperialismo gregos.

<sup>35</sup> MIRANDA REGINA, 1992, p. 50.

<sup>36</sup> DUSSEL, 2000, p. 33.

<sup>37</sup> FERACINI, Luiz. **Os primeiros princípios do saber**. Campo Grande/MS: Solivros, 1999, p. 39.

<sup>38</sup> MIRANDA REGINA, 1992, p. 55.

<sup>39</sup> MIRANDA REGINA, 1992, p. 55.

<sup>40</sup> DUSSEL, Enrique. **Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 1**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973a, p. 106.

<sup>41</sup> DUSSEL, Enrique. **Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 2**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973b, p. 13-14: “El héroe, de la ontología de la Totalidad, no comete falta moral ni tiene conciencia de culpabilidad cuando mata en la guerra a otro hombre, al enemigo, sea ésta la guerra de los griegos libres por su patria contra los bárbaros, sea la guerra moderna en la que un nazi mata a un judío, o, cuando en la “competencia” capitalista, un burgués logra mayor ganancia: venciendo en los negocios a su oponente en el mercado, o vendiendo la muerte de otros hombres en la industria de los armamentos. Antes aún los conquistadores dominaron al indio;

e da totalidade o justificam: “El fundamento ontológico del héroe dominador, hombre de acción, y lo que justifica la guerra empírica es que haya un enemigo”<sup>42</sup>, ou seja, um “outro”.

Assim, cumpre-se plenamente a frase de Hobbes: *Homo homini lupus*.<sup>43</sup> E a Vontade de Poder de Nietzsche tem sua expressão mais brutal e primária na opressão dos “outros”. Desde a invasão das Américas e de outras partes do mundo pelos povos dominantes do hemisfério norte, o “mundo permaneceu como que unificado em um mercado unificado de dominação”<sup>44</sup>.

## O dualismo grego

Somando-se a isto, outro fator também exacerba o totalitarismo e a exclusão por meio dos moldes de pensamento eivados pela filosofia ocidental: o dualismo grego. O dualismo é um dogma indiscutível e constitutivo, para o grego.<sup>45</sup> A negatividade do corpo, que acaba sendo o cárcere da alma, amplamente divulgada pelo dionisismo, chega até Platão.<sup>46</sup> Embora a forma grega deste dualismo seja a voz mais audível em nossa cultura ocidental, ela permeia vasto pensamento iraniano, indiano e, por meio das tradições gnóstico-romanas, maniqueístas latinas e mesmo dos cátaros, irá culminar em Descartes e Kant.<sup>47</sup>

Conforme Dussel, “na base do dualismo, encontramos o que temos chamado de ‘a inconsistência teórica’ do bem comum”.<sup>48</sup> Ou seja, a felicidade da alma se encontra em solidão: *solitaria bonitas*.<sup>49</sup> O *eros*<sup>50</sup> grego, que é a carência do ser pelo objeto desejado,<sup>51</sup> aflora como luta pelo desejado, o que caracteriza a cultura agônica dos helenos. Aquela noção juntamente com esse traço constitutivo, se levados a sério na prática, resultariam no desaparecimento da vida social e comunitária.

A resposta grega a este problema foram as leis<sup>52</sup> da cidade. O persistente espírito agônico grego, observável em sua índole histórica de competir, só pode ser controlado para evitar o caos, por meio das leis que se imporão de modo totalizante sobre a sociedade, gerando um mundo monista e unívoco: um novo absolutismo.<sup>53</sup>

---

los negreros vendieron africanos como "instrumentos" (esclavos), y el gentleman ocupa el Asia. ¿Qué tipo de ontología justifica esas matanzas del héroe? ¿Qué tipo de lógica dirige la argumentación de tales injusticias?"

<sup>42</sup> DUSSEL, 1973b, p. 14.

<sup>43</sup> TOSI, Renzo. **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 538, §1181.

<sup>44</sup> DUSSEL, Enrique. **Teologia de la Liberación y Ética - Caminos de Liberación Latinoamericana II**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002. Disponível em <[https://www.academia.edu/10577728/TEOLOGIA\\_DE\\_LA\\_LIBERACION\\_Y\\_ETICA\\_CAMINOS\\_DE\\_LIBERACION\\_LATINOAMERICANA\\_II](https://www.academia.edu/10577728/TEOLOGIA_DE_LA_LIBERACION_Y_ETICA_CAMINOS_DE_LIBERACION_LATINOAMERICANA_II)>. Acesso em 19/nov/2020, p. 197. A insistência no termo “unificado” é do próprio Dussel que o repete nesta pequena frase.

<sup>45</sup> DUSSEL, Enrique. **El Humanismo Helénico**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975, p. 3.

<sup>46</sup> DUSSEL, 1975, p. 6-7.

<sup>47</sup> DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação: Na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 35.

<sup>48</sup> DUSSEL, 1975, p. 12: En la base del dualismo encontramos lo que hemos denominado "la inconsistencia teórica del bien común".

<sup>49</sup> DUSSEL, 1975, p. 3: O dualismo valoriza o transcendental, o desconhecido e faz com que ele invada toda a realidade - a transcendência é alcançada como felicidade solitária (*solitaria bonitas*).

<sup>50</sup> ἔρως.

<sup>51</sup> NYGREN, Anders. **Agape and Eros**. London: SPCK, 1957, p. 175-181.

<sup>52</sup> νόμοι.

<sup>53</sup> DUSSEL, 1975, p. 51-59.

Contudo, o “outro”, o bárbaro, ou ainda o conquistado, o escravo, não participam com igualdade (isonomia) da vida da *Polis* e nem do Império, que mais tarde se desenvolverá. Eles não são humanos.<sup>54</sup>

## Hierarquização

A visão dicotômica do homem, associada às concepções ontológicas que excluem o “outro”, o “diferente”, o “não-normatizado” criam o que chamaremos de hierarquia. Nas palavras de Bourdieu: “estabelecimento de distinções para legitimar a ordem estabelecida”.<sup>55</sup>

São estas distinções que fomentam, entre tantos outros desacertos, as distinções desvalorizantes dentro da comunidade cristã, destruindo o ideal de fraternidade e de igualdade dentro da diversidade da comunidade cristã (Mc 10.41-45), impondo, novamente, modelos totalizantes, imperiais, dominadores, hierarquizantes que excluem o outro, o diferente e o que não participa do poder estabelecido.

A pregação de Jesus e da igreja primitiva inverteu todas as hierarquias, opondo-se ao *status quo* tanto do governo pagão (Lc 22.24-30), como da religiosidade judaica (Mt 23.1-12):

Sob o signo do Reino de Deus que desponta, Jesus adverte os primeiros e os grandes, ou aqueles que pretendam sê-lo, a tornarem-se os últimos, escravos (Mc 9.35; 10.42-45; Mt 18.4; 20.25-28; 23.11; Lc 9.48; 22.24-27). Isso não significa nada menos que a superação das estruturas de dominação que determinam o mundo, a favor de uma configuração *livre de dominação* das relações humanas, pela qual um se torna irmão e irmã do outro. Aqui está a ideia mestra da comunidade cristã.<sup>56</sup>

A igreja cristã posterior, eivada de filosofia grega de caráter totalizante e totalitário, absorveu as hierarquias dos governos imperiais<sup>57</sup>, mudando o cristianismo de uma *ortopraxia* para uma *ortodoxia*<sup>58</sup>, em um processo vertiginoso e irreversível de hierarquização, cujo lema era: “Um Deus, um imperador, um império, uma igreja, uma fé”.<sup>59</sup>

## Unidade antropológica semita

Segundo Dussel,<sup>60</sup> podemos ver que o pensamento ocidental enveredou por uma cisão do ser e ao mesmo tempo por uma ontologia do ser que acabou enveredando para um totalitarismo. O caminho para a superação das hierarquizações, do imperialismo e outros absolutismos é iniciar o trajeto em outro lugar. Este seria o pensamento semita conforme disposto na Bíblia:

Es evidente que el mundo ético se funda sobre una antropología. Los supuestos, la estructura antropológica determinan la moral. Como veremos, el semita concibe al hombre unitariamente, como un todo indivisible; en este sentido puede hablar se de monismo, por oposición al dualismo helénico. De igual modo, la visión semita de la realidad social se caracterizará por una solución propia que evita la ambigüedad de la visión helénica (de la *solitaria bonitas*, en irreductible contradicción con la unidad genérica y totalizante de la

<sup>54</sup> DUSSEL, 1975, p. 79.

<sup>55</sup> BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989, p. 10.

<sup>56</sup> HOFFMANN, P. **A herança de Jesus e o poder na Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998, p. 103.

<sup>57</sup> KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. São Paulo: Objetiva, 2002, p. 43-177.

<sup>58</sup> KÜNG, 2002, p. 58.

<sup>59</sup> KÜNG, 2002, p. 65.

<sup>60</sup> DUSSEL, 1975.

*polis*). La política y la ética semitas se originan en su monismo antrópico, que no necesita concebir un dualismo óntico-ético tal como el zoroastrismo lo expresa, por la entificación objetiva en “dos” poderes opuestos que existencian el “bien” y el “mal”. Es, entonces, una posición sui generis entre el dualismo antrópico de los griegos y el dualismo o pluralismo jerárquico (los “poderes”) óntico-ético de las religiones iránicas.<sup>61</sup>

Esta estrutura indivisível do homem<sup>62</sup> faz parte da “originalidade do povo de Israel [que] manifesta, e abre o caminho a uma moral antifatalista, antitrágica, e, por ela mesma, a toda uma visão da história”.<sup>63</sup>

O homem grego está preso à *moira*<sup>64</sup> e aos caprichos dos deuses. O homem semita, sobretudo o hebreu, é responsável por suas ações. O bem ou o mal são resultado de relações intersubjetivas e não essências ou estados.<sup>65</sup> Temos um indivíduo livre com vontade e determinação para agir.

A profecia em Israel é condicional, convidando o ouvinte a uma tomada de posição, ao diálogo com o divino. Assim o livro de Jonas, em sua “meta-profecia”<sup>66</sup> diferencia o vaticínio hebreu do grego. *Yahweh*, ao profetizar, convida a uma resposta, ao arrependimento ou ao diálogo (Como o caso do rei hebreu, Ezequias, que teve o vaticínio contra ele mudado por meio de oração – 2Rs 20.1-11; 2Cr 32.24-31; Is 38.1-8). Não há destino inflexível de uma predestinação ou de vaticínios que não podem ser mudados: tudo é relacionamento.<sup>67</sup>

Conforme Lévinas, esta é “a grande novidade da ontologia contemporânea [...] a compreensão do ser não supõe apenas uma atitude teorética, mas todo o comportamento humano. O homem inteiro é ontologia”<sup>68</sup>. O retorno ao humano em sua unidade como ponto de partida para a ontologia é resultado da apreensão do pensamento semítico.

## Relações intersubjetivas

A relação Eu-tu de *Yahweh* com Abraão fundamentam a aliança e com ela “a estrutura metafísica essencial da consciência hebraica, o fundamento do ‘mundo’ do homem hebreu, enquanto se refere às relações intersubjetivas”.<sup>69</sup>

A filosofia de Lévinas desenvolve “a percepção do rosto como a revelação mais profunda do humano, capaz de expressar a sua identidade de ser pessoal e a abertura para outro”.<sup>70</sup> O encontro face-à-face é a relação intersubjetiva por excelência:

---

<sup>61</sup> DUSSEL, Enrique. **El Humanismo Semita**: Estructuras Intencionales radicales del pueblo e Israel y otros semitas. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969, p. 21.

<sup>62</sup> DUSSEL, 1969, p. 27-32.

<sup>63</sup> DUSSEL, 1969, p. 34.

<sup>64</sup> μοῖρα.

<sup>65</sup> DUSSEL, 1969, p. 34-45.

<sup>66</sup> REHFELD, Walter I. **Nas Sendas do Judaísmo**. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 155.

<sup>67</sup> A Teologia Patrística, Medieval, Escolástica e até a Protestante voltarão a sucumbir sob o espírito do determinismo grego com sua grande ênfase na predestinação como salvaguarda do imperialismo divino.

<sup>68</sup> LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 22.

<sup>69</sup> DUSSEL, 1969, p. 50.

<sup>70</sup> BATISTA DE SOUZA, José Tadeu. **Ética como metafísica da alteridade em Lévinas**. 2007. 195p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre, 2007, p. 144.

El "cara-a-cara" (en hebreo *pním el-pním*, Ex 33.11), "persona-a-persona" (en griego *prósopon pros próson*, 1Co 13.12) es una reduplicación usual en el hebreo que indica lo máximo en la comparación, lo supremo, en este caso: la proximidad, la inmediatez de dos misterios enfrentados como exterioridad. En la erótica el "cara-a-cara" es labio-a-labio, beso: "Que me bese con el beso de su boca" (Ct 1.1). Es un hecho primero, veritas prima: el enfrentarse al rostro de Alguien como alguien, del Otro como otro, del misterio que se abre como un ámbito incomprensible y sagrado más allá de los ojos que veo y que me ven en la cercanía.<sup>71</sup>

Estabelece-se uma relação horizontal, igualitária, direta e de alteridade que percebe o mistério e a inapreensibilidade<sup>72</sup> do outro: "Compreender é relacionar-se ao particular, único a existir, pelo conhecimento que é sempre conhecimento do universal".<sup>73</sup>

A *Torah*<sup>74</sup> hebreia não é como o *nomos*<sup>75</sup> grego. O *nomos* é ordem necessária para a segurança – é divina – por analogia da natureza. A *Torah*, instrução, é intersubjetiva: coisa estabelecida entre viventes livres sem analogia da natureza<sup>76</sup> de modo que

el judío miembro del judaísmo fundaba su universalismo, no en la Naturaleza, o en la ley común natural, en el orden físico, en el cosmos, sino en la Conciencia viviente y trascendente de un Yo originario, en tanto que causa creadora de todo y Señor de la historia.<sup>77</sup>

Escapar de uma ontologia absolutizante por uma metafísica do diálogo e da libertação foi uma grande contribuição do judaísmo. Enquanto a filosofia ocidental optou pela ontologia, a filosofia oriental semita de fundo judaico-cristão optou pela função dialógica, pela fala, pela interpelação pelo eu-tu, por relações intersubjetivas face a face, rosto diante de rosto, diante de um Deus que não faz "acepção de pessoas" – em grego *prosopolepsia*<sup>78</sup>, ou seja, não recebe o rosto apenas exteriormente.<sup>79</sup>

Desta forma, para escapar de uma leitura ou tradução bíblica que projete no texto engessamentos dos relacionamentos que gerem hierarquizações e autoritarismos, cumpre-nos ler os textos bíblicos dentro de sua matriz semita de viés comunitário e igualitário. Contra o dualismo antropológico (alma-corpo), o dualismo moral (bem-mal) e o dualismo político (*polis*-indivíduo), o semita oferece uma concepção de ser humano unitário, responsável tanto pelo bem como pelo mal, orientado em seus relacionamentos intersubjetivos por meio da Aliança com *Yahweh*<sup>80</sup>.

Conforme Dussel, o pensamento semita, não vive a tensão do social contra o individual, pois "la perfección personal o individual del semita se debe siempre realizar en comunidad. La propia perfección es impensable, para un semita, fuera de la comunidad que lo salva."<sup>81</sup>

<sup>71</sup> DUSSEL, 2002, p. 201-202.

<sup>72</sup> LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e o Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988, p. 69-70.

<sup>73</sup> LÉVINAS, 1997, p. 26.

<sup>74</sup> תורה.

<sup>75</sup> νόμος

<sup>76</sup> DUSSEL, 1969, p. 51.

<sup>77</sup> DUSSEL, 1969, p. 58.

<sup>78</sup> προσωποληψία.

<sup>79</sup> O termo para "acepção de pessoas", *προσωποληψία* vem de *πρόσωπον* (rosto) + *λαμβάνω* (receber) (MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 365). Assim, dá a ideia de receber a pessoa pela aparência. A noção de rosto, contudo, se afirma: o relacionamento com Deus é de rosto com rosto.

<sup>80</sup> DUSSEL, 1969, p. 73.

<sup>81</sup> DUSSEL, 1969, p. 73.

Como não há oposição entre salvação pessoal (divinização por contemplação) ou salvação da comunidade (bem genérico da cidade), cada participante da comunidade pode dedicar-se ao serviço da comunidade na história “y por ese “servicio”, “trabajo”, recibe como un don de *Yahveh* o *Allah* la resurrección eterna”.<sup>82</sup>

Assim, partindo da criação e do estatuto de liberdade/responsabilidade do humano (não dicotomia alma/corpo e bem/mal) então temos a consciência de sermos agentes dentro de uma comunidade. Não há salvação e perfeição individual, mas do indivíduo na comunidade. Não se faz na divinização por contemplação, mas na história pelo serviço/trabalho que alcançará a ressurreição.

Abandonar a visão bipartida, dicotômica e trágica da Grécia antiga por uma visão responsiva dialogal que vem do conceito de criação favorece a ideia da diversidade, do diálogo e é contra os totalitarismos. O abandono daquela visão bipartida faz ampliar nossa lógica, levando em conta a possibilidade do “Terceiro não-incluído”,<sup>83</sup> sobretudo em questões éticas complexas, mediante o acolhimento do outro:

A lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua área de validade. A lógica do terceiro excluído é certamente validada por situações relativamente simples, como, por exemplo, a circulação de veículos numa estrada: ninguém pensa em introduzir, numa estrada, um terceiro sentido em relação ao sentido permitido e ao proibido. Por outro lado, a lógica do terceiro excluído é nociva nos casos complexos, como, por exemplo, o campo social ou político.<sup>84</sup>

A abertura para outras lógicas além da decorrente da tradição ocidental greco-romana pode levar-nos a movimentos como o Bem Viver que tenta construir uma cosmovisão e uma lógica que leva em conta o pensamento dos povos ameríndios de matrizes abertas até mesmo para a Natureza.<sup>85</sup>

## Agape

Ao invés de buscar transcendência pelo *eros*<sup>86</sup> grego, que é a carência trágica do ser pelo objeto desejado, e que promove uma cultura agonística de luta e disputa, busca-se transcender nos moldes da contribuição da cultura semita e no seu desenvolvimento no pensamento cristão, pelo *agape*<sup>87</sup>, amor, que ensina a satisfação do ser pela graça e pelo serviço ao outro<sup>88</sup> – não pela carência, mas pela decisão livre e intersubjetiva de agir pelo bom e pelo bem.

Assim, predomina o serviço e não o comando; a ajuda mútua e não a conquista para si; o compartilhar e não o acumular; o participar e não o isolar-se; o bem maior de todos e não o lucro

---

<sup>82</sup> DUSSEL, 1969, p. 73.

<sup>83</sup> NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade** [NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999]. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf)>. Acessado em 8/jun/2019.

<sup>84</sup> NICOLESCU, 1999, p. 11.

<sup>85</sup> ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

<sup>86</sup> ἔρως.

<sup>87</sup> ἀγάπη.

<sup>88</sup> NYGREN, 1957, p. 210, 219.

máximo individual; e em termos de tradução bíblica, a leitura não hierarquizante e não autoritária. A mais generosa “transvalorização de todos os valores”<sup>89</sup> acontece.

O pensamento de dominação, decorrente do totalitarismo ontológico do “ser” que antes considerava “o outro” como o “não-ser” é substituído por um pensamento de encontro com o outro, a valorização da alteridade, da diferença e da diversidade que ser resolve, não por dominação ou exclusão, mas por diálogo e acolhimento.

### **Fecho em aberto**

A filosofia ocidental conduz às práxis de domínio e de supremacia que escravizam a própria sociedade. A opção pela busca do “um” e a ligação deste com o “ser” possibilitou uma ontologia que implica em uma ética intolerante com o “outro”. O dualismo grego que se concentra no individual e poderia ser destrutivo para a *polis*, foi controlado pelas leis, mas estas também ampliaram a exclusão do “outro” que não desfrutava da isonomia da cidadania dos iguais.

O cristianismo, originalmente um movimento de comunidades unidas pela fraternidade tornou-se uma grande instituição hierarquizada e beligerante contra os seus e contra os outros, por conta da adoção do discurso filosófico grego. O retorno ao pensamento semita, originário para a comunidade cristã primeva, é o modo de superar o ímpeto autoritário e absolutista que invadiu a cristandade. A compreensão da responsabilidade do ser humano em suas relações intersubjetivas com a divindade e com a humanidade, orientada pela Aliança, estabelece o diálogo face-a-face como forma de superar os autoritarismos e absolutizações de uma ontologia que nega ao “outro” o direito de “ser”. Também do pensamento semita, recupera-se a unidade do humano, que não mais vive em tensão antropológica, moral ou política, mas reconhece o papel de partícipe de uma comunidade por meio do serviço e da aceitação da diversidade da criação.

A busca de outros modos de pensar a realidade e de acolher o outro, faz parte da proposta de evitar o totalitarismo da ontologia e abrir-se para a possibilidade de uma filosofia da libertação por meio da alteridade do diálogo e do encontro com diferentes. Desincentiva-se a hierarquização por meio de uma postura igualitária e fraterna, sem imperialismos e absolutismos.

### **Referências**

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária; Elefante, 2016.

ARISTÓTELES, **Metafísica** 983b. Disponível em <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0052:book=1:section=983b&highlight=thales>>. Acessado em 4/jun/2019.

BORNHEIM, Gerd A. (org.). **Os Filósofos Pré-Socráticos**. São Paulo: Cultrix, 1999.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BURNET, John. **O despertar da filosofia grega**. São Paulo: Siciliano, 1994.

DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. 3ª edição. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores, 1984.

---

<sup>89</sup> NYGREN, 1957, p. 200.

- DUSSEL, Enrique. **El Humanismo Helénico**. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1975.
- DUSSEL, Enrique. **El Humanismo Semita**: Estructuras Intencionales radicales del pueblo e Israel y otros semitas. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1969.
- DUSSEL, Enrique. **Ética da Libertação**: Na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUSSEL, Enrique. **Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 1**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973a.
- DUSSEL, Enrique. **Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 2**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973b.
- DUSSEL, Enrique. **Teología de la Liberación y Ética - Caminos de Liberación Latinoamericana II**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002. Disponível em <[https://www.academia.edu/10577728/TEOLOGIA\\_DE\\_LA\\_LIBERACION\\_Y\\_ETICA\\_CAMINOS\\_DE\\_LIBERACION\\_LATINOAMERICANA\\_II](https://www.academia.edu/10577728/TEOLOGIA_DE_LA_LIBERACION_Y_ETICA_CAMINOS_DE_LIBERACION_LATINOAMERICANA_II)>. Acesso em 19 nov 2020.
- FERACINI, Luiz. **Os primeiros princípios do saber**. Campo Grande/MS: Solivros, 1999.
- HOFFMANN, P. **A herança de Jesus e o poder na Igreja**. São Paulo: Paulus, 1998.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M., **Os Filósofos Pré-Socráticos**: História Crítica com Seleção de Textos. 4ª Edição. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkain, 1994.
- KÜNG, Hans. **A Igreja Católica**. São Paulo: Objetiva, 2002.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e o Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MIRANDA REGINA, Jesus Eurico. **Filosofia Latino-Americana e Filosofia da Libertação**: A proposta de Enrique Dussel em relação às posições de Augusto Salazar Bondy e de Leopoldo Zea. Campo Grande: CEFIL, 1992.
- MOULTON, Harold K. **Léxico Grego Analítico**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade** [NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999]. Disponível em <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf)>. Acessado em 8/jun/2019.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Filosofia na Época Trágica dos Gregos**. São Paulo: Editora Escala, 2008.
- NYGREN, Anders. **Agape and Eros**. London: SPCK, 1957.
- REHFELD, Walter I. **Nas Sendas do Judaísmo**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- TOSI, Renzo. **Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.